

Franco, agonizante, recebe a extrema-unição

MADRI — O generalíssimo Francisco Franco, caudilho da Espanha durante 36 anos agoniza e já estão sendo feitos os preparativos para o seu funeral. O chefe de Estado espanhol recebeu a extrema-unição, oficiada pelo capelão da Casa Militar, presença de membros de sua família, pouco depois do meio-dia de ontem, quando os médicos anunciaram que o coração do caudilho estava cada vez mais fraco.

Morre velho republicano

PARIS — Um dos protagonistas mais conhecidos da Guerra Civil espanhola (1936-39) o anarco-sindicalista Cipriano Mera Sanz, faleceu ontem em Paris, com um câncer generalizado, aos 78 anos de idade.

Cipriano Mera, ao explodir a Guerra Civil, lutou, desde o primeiro dia, nas frentes de Madri na província com as milícias populares. Ao ser consituído o Exército Popular, ele recebeu o comando de uma divisão.

Em março de 1937 foi um dos artífices da mundialmente conhecida batalha de Guadalaajara onde as forças italianas sofreram cruel derrota.

Um corpo principal de 40 mil homens tinha iniciado a ofensiva contra Guadalaajara para deixar a capital, Madri, completamente cercada. Destes 40 mil homens, 31 mil eram italianos, pertencentes ao denominado Corpo de Tropas Voluntárias (CTV).

Estas tropas estavam sob o comando do general Mário Reata, que tinha o pseudônimo de Muncini — e tinha as suas ordens os generais Edmondo Rossi, Gido América Coppi, Nuvolani e Berganzoli. Este último tinha penetrado triunfalmente em Adis Abeba, em maio de 1936.

A noite de 18 para 19 de maio de 1937 figura em primeiro plano nas derrotas militares italianas. Em outubro de 1937, Mera recebeu a chefia de Quarto Corpo do Exército. Foi o primeiro comandante anarco-sindicalista que ocupou tão alto posto e o segundo entre os lutadores procedentes das milícias.

Quando, ao final da guerra, em março de 1939, o coronel Segismundo Casado Lopez constituiu o Conselho Nacional da Defesa que derrotou o governo de Juan Negrin Lopez, as forças de Mera derrotaram os comunistas que se sublevaram em Madri contra o Conselho presidido pelo general José Miaja Menant.

Ao terminar a Guerra Civil, Mera, refugiou-se na África do Norte e foi internado no campo de Morand (na Argélia). O governo do marechal Philippe Pétain aceitou um pedido de extradição e o entregou às autoridades franquistas no dia 18 de março de 1942. No dia 26 de abril de 1943, Cipriano Mera foi condenado à morte mas, no dia 15 de dezembro de 1944, a pena de morte foi comutada para prisão perpétua.

No dia 1.º de outubro de 1946 saiu em liberdade provisória ao beneficiar-se de um indulto que abrangia todos os condenados à morte que tinham tido a pena comutada.

No dia 11 de fevereiro de 1947, passou clandestinamente à fronteira e chegou à França, onde esteve trabalhando de pedreiro até 1971.

membros do Conselho de Regência. O arcebispo de Madri, cardinal Enrique y Tarancón, foi ao palácio, porém não o deixaram entrar. O arcebispo Tarancón é o porta-voz político da Igreja Católica na Espanha e a extrema-direita o chama de "bispo vermelho".

REFORÇO
Em torno do Palácio de El Pardo, na periferia de Madri, cercado por muros altos, a guarda do Regimento Pessoal e a Polícia da Via Pública foram visivelmente reforçadas. Contrariamente aos dias anteriores, os guardas, colocados nas entradas da residência, mostravam-se menos reticentes com relação aos jornalistas que se aproximavam para procurar ver o que se passava do outro lado do muro.

Na porta principal do palácio, os Cavaleiros do Regimento da Guarda Pessoal do Caudilho, com capacetes, sabres, ampla capa de lã, tendo no cinto as cores nacionais, estavam com aspecto solene. Atrás deles, viam-se os jardins do palácio e as idas e vindas de automóveis oficiais.

Fontes governamentais informaram que a transferência do poder para o príncipe Juan Carlos estava sendo adiada pelo desejo de todas as partes envolvidas de não tornarem mais difíceis as últimas horas do Caudilho. Um porta-voz do príncipe informou que ele passou toda a manhã trabalhando em seu escritório. O gabinete e o Conselho de Regência foram convocados em sessão permanente a noite em Paris pelo secretário do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo, na presença de delegados dos demais movimentos representados na referida Junta, entre eles: José Vidal Beneyto, pela Aliança Socialista de Castilha; Mario Aragon, pelo Partido do Trabalho e Rafael Calvo Serer, pelos monarquistas liberais.

DECLARAÇÃO
A declaração aprovada pela comissão permanente da Junta Democrática que foi

lida à imprensa por Vidal Beneyto, diz que uma "manifestação democrática nacional, de caráter pacífico, interclassista e solidária" será realizada "tão logo se reunam as condições mínimas de organização e coordenação". A este respeito, Carrillo declarou que "o fim físico de Franco coincide com uma formidável explosão democrática da sociedade espanhola", que "o povo respeitará certamente alguns dias de luto, mas depois sairá às ruas para reclamar a liberdade dos presos políticos".

Na declaração da Junta diz-se também que "em um lapso de tempo brevíssimo — tenha ou não morrido o chefe do Estado, seja ou não nomeado seu sucessor, o príncipe Juan Carlos de Borbon — realize-se ou não a união formal da oposição pela qual trabalhamos — a Junta Democrática se dirigirá aos povos da Espanha para convocá-la a manifestação democrática nacional, que por via pacífica, realizará a ruptura com as leis políticas da ditadura e imporrá a formação do governo provisório que abrirá o período constituinte".

MADRI — O príncipe Juan Carlos de Bourbon será proclamado rei da Espanha, uma vez transcorridos três a oito dias da morte do chefe do Estado, general Francisco Franco.

Será convertido, assim, em chefe do Movimento Nacional (partido único) e da monarquia, instaurada pelo próprio ditador após um período de 44 anos de república e de regime franquista.

Alfonso XIII o último soberano abdicou e deixou a Espanha no dia 14 de maio de 1931.

Tão logo os médicos comprovem o falecimento de Franco, seus poderes serão assumidos pelos três membros do Conselho da Regência: Alejandro Rodriguez de Valcarlos, que preside as Cortes, e o Conselho do Reino), o monsenhor Pedro Cantero Quadrado, arcebispo de Zaragoza, o militar da ativa mais antigo, general Angel Salas Larrazabal, da aviação.

Segundo o artigo sete da lei de sucessão, a primeira função do Conselho de Regência consistirá em convocar as Cortes e o Conselho do Reino, para que prestem juramento ao príncipe Juan Carlos e o proclamem rei.

O juramento será idêntico ao que pronunciou o príncipe da Espanha perante Franco e as Cortes, quando foi designado sucessor do caudilho, a

través do líquido edematoso.

Uma tosse permanente instalava-se rapidamente, levando as serosidades à boca e ao sistema digestivo, provocando assim a distensão abdominal assinalada pelos boletins de saúde de Madri.

Nesses momentos é necessário administrar urgentemente oxigênio ao enfermo, juntamente com tônicos cardíacos apropriados.

No caso de Franco, com 82 anos, é possível que o coração, extremamente debilitado pelas crises recentes, não possa resistir a essas provas repetidas e cada vez mais graves.

Políticos manifestam seu apoio

MADRI — A transmissão de poderes do generalíssimo Franco ao príncipe Juan Carlos de Borbon, "prevista e oportuna deve se realizar para que se garanta a condução com mão firme dos assuntos de Estado", afirmou ontem a União do Povo Espanhol (UPDE).

A UPDE é a associação política criada dentro do controle do "Movimento" franquista, e dois dos seus dirigentes são considerados como os mais chegados às fontes do poder na Espanha.

O comunicado de ontem reclamou também ao governo

de ex-chefe de Estado francês, que observou que Franco estava muito velho.

Em outubro daquele mesmo ano, quando o visitou Richard Nixon, os silêncios do general Franco tomaram tal proporção, que o então presidente estadunidense perguntou, estranhando a um de seus colaboradores: "Acredita que sabe que estou efetivamente aqui?".

Em circunstâncias muito diferentes, foi uma surpresa de idêntica índole que tornou coterico a Adolf Hitler, no dia 23 de outubro de 1940. Depois de esperar Franco durante várias horas na plataforma da estação de Hendaya, desistiu de obter os compromissos e promessas que esperava arrancar dele e declarou, na mesma noite, que preferia que ele arrancassem os dentes antes do que entrevistar-se de novo com seu colega espanhol.

Desconfiado, prudente, ladino, o Caudilho manteve sempre aos seus interlocutores espanhóis ou estrangeiros na mais total ignorância de seus sentimentos ou intenções.

Tomou, de uma vez por todas, a decisão de prestar contas apenas a Deus e à História e isso levou-o a não comprometer-se com ninguém e a situar-se a um nível em que outros assumem concretamente as responsabilidades da ação política cotidiana.

Nestas condições, não lhe restou mais do que tirar as conclusões dos fracassos e dos êxitos, para o maior bem do seu regime. Os aproximadamente 150 ministros que Franco usou ao longo de seu reinado, experimentaram isto ou aquilo e não para o pior.

Quando, em dezembro de 1970, em uma atmosfera de crise nacional, reuniu no Palácio de El Pardo ao governo para consultá-lo sobre as condenações à morte decretadas pelo Conselho de Guerra de Burgos, já tinha devidamente seguramente que indultaria os réus. Um detalhe permitiu a maioria adivinhar que a tendência era pró-indulto e que convia, consequentemente, pronunciar-se neste sentido.

Antes de dar a palavra aos seus ministros, Franco tirou de seu bolso uma carta da mão de Francisco Izco, principal acusado neste processo do terrorismo basco e leu-a sem comentários.

O anedotário daquela reunião acrescentou que três ou quatro minutos antes de a percepção suficiente boa para captar este pequeno detalhe discretíssimo.

Depois de sua enfermidade do verão de 1974, Franco recuperou os plenos poderes, provisoriamente confiados ao príncipe Juan Carlos, com idêntica sobriedade.

Desde sua propriedade de Pazo de Meiras (Galícia), onde se encontrava em convalescença o Caudilho, seu genro, o marquês de Villaverde, telefonou ao chefe do governo, Carlos Arias Navarro.

"O chefe de Estado se encontra totalmente recuperado", disse o marquês.

"Louvado seja Deus. Alegro-me com isto", respondeu Arias.

Assinado: Vicente Pozuelo Escudero, Pescador Del Hoyo, Vital Aza, Fernandez Nespral, Eloy Lopez Garcia, José Maria Gomez Matilla, José Luiz Palma Gamiz, Ernesto Castro Farinas, Jesus de Uria, Miguez e Enriquez de Salamanca, Luiz Alonso Castrillo e Gabriel Artero Guirao.

Palácio de El Pardo, 25 de outubro de 1975".

EXPECTATIVA
A morte de Franco era esperada ontem à tarde. A declaração de uma alta fonte do Palácio de El Pardo, formulada pouco antes das 15 horas locais (12 horas em Brasília) confirmava a impressão dos últimos dois boletins médicos, dando conta das complicações intestinais, cardíacas e pulmonares do generalíssimo.

As 13 horas, um comunicado conjunto distribuído por ambas as secretarias do Caudilho dizia: "O general Franco passou em calma a manhã. Ao meio-dia, ouviu missa com sua família e, em plena posse de suas faculdades, recebeu a comunhão e a extrema-unição".

O Papa Paulo VI transmitiu sua bênção ao chefe de Estado espanhol, segundo informação da assessoria de imprensa do Arcebispo de Madri. De acordo com fontes informadas, o corpo médico deu ao generalíssimo somente 72 horas de vida, se ele não viesse a sofrer novas complicações. A agência espanhola Europa-Press informou: "Ociosamente, o general Franco piorou".

Todos os funcionários da Espanha — federais, provinciais e municipais — receberam ordens para se apresentarem em seus postos. O Estado Maior Conjunto das Forças Armadas ordenou, à tarde, a permanência no Ministério do Exército de todo pessoal burocrático. A medida objetiva manter constantemente informados os chefes militares sobre o gravíssimo estado de Franco.

O sucessor do Caudilho, o príncipe Juan Carlos de Borbon, não estava junto ao chefe de Estado. Considerando que a morte de Franco é iminente, vê-se obrigado, pela Constituição, a permanecer em sua residência, no Palácio de La Zarzuela, até receber a notícia oficial do falecimento. Tudo já está pronto para que seja o novo chefe de Estado, com o título de Rei da Espanha, o primeiro depois de 44 anos.

Ministros, ex-ministros, altos funcionários do governo e oficiais de alta patente do Exército se concentraram nos escritórios do primeiro-ministro Carlos Arias Navarro, no centro da capital. No entanto, pouco antes das 12 horas locais, Arias Navarro interrompeu as conversações hispano-marroquinas sobre o Saara Ocidental para dirigir-se urgentemente ao Palácio de El Pardo. Acorreram igualmente ao palácio os três membros do Conselho de Regência e os ministros mais importantes do atual gabinete. Todos os membros da família do Caudilho se achavam desde a manhã à cabeceira do moribundo.

O arcebispo de Saragoça, monsenhor Pedro Cantero Quadrado, viajou para a capital a fim de se juntar aos



ESPERA INUTIL — O Palácio de El Pardo tornou-se o foco das atenções ontem em Madri, onde persistia o mutismo oficial sobre a sucessão do caudilho moribundo.



INQUIETAÇÃO — A população, de maneira geral, mostrava-se inquieta ontem, na capital espanhola, em meio aos rumores de que Franco já teria morrido.

Especialistas explicam doença

O edema pulmonar de que sofre atualmente o chefe de Estado espanhol, Francisco Franco, é consequência direta da insuficiência cardíaca reiterada destes últimos dias, segundo médicos especializados.

Depois do desequilíbrio circulatório provocado por esta carência cardíaca, os alvéolos pulmonares enchem-se de uma serosidade, em consequência da qual ficam impedidas, praticamente, as funções pulmonares.

Nestas condições, o enfermo respira fortemente e o ar que ainda pode chegar aos alvéolos encontra cada vez mais dificuldade em sair

Políticos manifestam seu apoio

MADRI — A transmissão de poderes do generalíssimo Franco ao príncipe Juan Carlos de Borbon, "prevista e oportuna deve se realizar para que se garanta a condução com mão firme dos assuntos de Estado", afirmou ontem a União do Povo Espanhol (UPDE).

A UPDE é a associação política criada dentro do controle do "Movimento" franquista, e dois dos seus dirigentes são considerados como os mais chegados às fontes do poder na Espanha.

O comunicado de ontem reclamou também ao gover-

PARIS — As notícias sobre o estado de saúde de Francisco Franco foram recebidas com serenidade pelos círculos da oposição espanhola em Paris, nos quais se afirma que o desaparecimento físico do ditador já não constitui um fato determinante para os fins da ação das forças democráticas.

Nos círculos da Junta Democrática insiste-se neste contexto que a posição da Junta é sempre a definida na declaração redigida no dia 22 do corrente em Madri pela comissão permanente e explicada à imprensa sexta-feira à noite em Paris pelo secretário do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo, na presença de delegados dos demais movimentos representados na referida Junta, entre eles: José Vidal Beneyto, pela Aliança Socialista de Castilha; Mario Aragon, pelo Partido do Trabalho e Rafael Calvo Serer, pelos monarquistas liberais.

DECLARAÇÃO

A declaração aprovada pela comissão permanente da Junta Democrática que foi

Juan Carlos terá que aguardar

MADRI — O príncipe Juan Carlos de Bourbon será proclamado rei da Espanha, uma vez transcorridos três a oito dias da morte do chefe do Estado, general Francisco Franco.

Será convertido, assim, em chefe do Movimento Nacional (partido único) e da monarquia, instaurada pelo próprio ditador após um período de 44 anos de república e de regime franquista.

Alfonso XIII o último soberano abdicou e deixou a Espanha no dia 14 de maio de 1931.

Tão logo os médicos comprovem o falecimento de Franco, seus poderes serão assumidos pelos três membros do Conselho da Regência: Alejandro Rodriguez de Valcarlos, que preside as Cortes, e o Conselho do Reino), o monsenhor Pedro Cantero Quadrado, arcebispo de Zaragoza, o militar da ativa mais antigo, general Angel Salas Larrazabal, da aviação.

Segundo o artigo sete da lei de sucessão, a primeira função do Conselho de Regência consistirá em convocar as Cortes e o Conselho do Reino, para que prestem juramento ao príncipe Juan Carlos e o proclamem rei.

O juramento será idêntico ao que pronunciou o príncipe da Espanha perante Franco e as Cortes, quando foi designado sucessor do caudilho, a

Continuam as prisões no país

MADRI — A polícia espanhola anunciou ontem a prisão de 15 pessoas em Barcelona e quatro em Bilbao, implicadas em atividades contra o regime.

Alguns dos detidos em Barcelona estão implicados na morte de um policial, no mês passado, nessa cidade.

Silêncio no consulado do Rio

RIO (Sucursal) — Até a tarde de ontem, já anunciada a extrema-unição dada ao presidente Franco, o Consulado Geral da Espanha no Rio ainda não tinha programado qualquer solenidade em caso de falecimento. Na legação comercial, um funcionário desmentiu que tivesse já sido organizado um livro de condolências na sede do Consulado.

A "Tass" dá o primeiro informe

MOSCOU — A agência soviética Tass mencionou ontem pela primeira vez o estado de saúde do chefe de Estado espanhol, Francisco Franco, em informação datada de Madri.

A informação diz que o Caudilho "teve um terceiro ataque cardíaco em menos de três dias".

Senhor de seu silêncio, ele serviu-se de todos

JEAN LOUIS ARNAUD da AFP
PARIS — O silêncio ou os silêncios do general Francisco Franco, mais que suas palavras, poderiam servir de chave para a compreensão de um regime que terá durado quase quatro décadas.

Um conselho do Caudilho ao príncipe Juan Carlos ilustra esta hipótese: "Lembre-se de que será sempre escravo de suas palavras, mas que é e será senhor de seus silêncios".

A falta de uma ideologia precisa, Franco professou em todas as circunstâncias um nacionalismo tradicional, de que foi figura de vanguarda, e um rigor militar em defender a ordem pública.

"SEGREDOS"
Sem um pensamento político, armou-se de alguns princípios muito sumários e em todos os domínios — militar, político ou diplomático, mostrando-se até o fim parco em palavras, julgamentos e diretrizes, que se revelam hoje como um dos segredos de sua longevidade política.

De medíocres disposições físicas, baixo de estatura e com voz de falsete, o destino o ditou, no entanto, de uma qualidade excepcional: servir-se de todos os meios e tirar partido de todas as situações, inclusive das mais desesperadas.

Tímido e rígido, o jovem Franco ingressou na Academia Militar de Toledo. Mais tarde, o "pequeno comandante" de infantaria se converteu, aos 33 anos, no mais jovem general da Espanha e da Europa.

Não contente em superar suas próprias debilidades, a força de disciplina e obstinação, Franco, que conseguiu escalar os mais altos cargos da hierarquia militar, tanto com a Monarquia como com a República, aplicou esta técnica que tão bons resultados lhe deram para conquistar o poder e governar até agora a Espanha.

Quando já transcorrem 40 anos do desencadeamento da Guerra Civil, os historiadores discutem ainda a atitude exata e as intenções do Caudilho nos grandes episódios destes anos dramáticos. Os observadores consideram que o debate permanecerá aberto durante muito tempo, já que Franco jamais fez confidências a ninguém a respeito.

Surpresas
Este aspecto da personalidade do Caudilho foi observado por seus ilustres visitantes. Quando o general De Gaulle se entrevistou com ele, em junho de 1970, na realidade o que se viu foi um monólogo

França aguarda o fim, evocando a aliança com Hitler

J.B. NATALI JR. Nosso Correspondente

PARIS — Com o braço direito estendido numa saudação fascista, Francisco Bahamonde Teodoro Franco sorri triunfante para a multidão, em companhia de Adolf Hitler. Esta cena, registrada em Hendaya em 1940, surgiu dos arquivos fotográficos para ilustrar, na imprensa francesa, as primeiras biografias do chefe de Estado agonizante.

Difícilmente o Caudilho despertaria na França um sentimento de simpatia. A diversificação das correntes políticas que o combateram de maneira sistemática depois da Guerra Civil se traduz, agora, por um alívio mal camuflado pelo fim do regime espanhol.

PERSEGUIÇÃO
Episódios de fundo grotesco sempre alimentaram a unanimidade desta oposição. E por exemplo conhecido o fato do escritor André Malraux nunca ter novamente atravessado a fronteira da Espanha por ter sido condenado pelos tribunais franquistas à pena de morte, em razão de sua participação, em 1936, nas forças aéreas republicanas, como piloto voluntário. E o romancista foi duas vezes ministro de De Gaulle.

Ainda quando há um mês o Caudilho autorizou a execução de cinco prisioneiros políticos, uma única voz francesa manifestou seu apoio incondicional a Madri, a de Jean Marie Le Pen, dirigente de um minúsculo partido de extrema-direita. Naquela ocasião, os "slogans" recitados durante as passeatas de esquerda possuíam um conteúdo bem próximo das declarações individuais de figuras ligadas ao governo, como Simone Veil, ministra da Saúde, e Françoise Giroud, secretária de Estado para a Condição Feminina.

Oficiosamente, a diplomacia francesa constata hoje o malogro de uma estratégia colocada em prática a partir de 1969, pelo então presidente Pompidou. Exercendo o papel de emissário de uma futura integração da Espanha ao Mercado Comum Europeu, Paris procurou favorecer a emergência, em Madri, de lideranças liberais que pudessem, ainda durante o franquismo, levar a cabo uma distensão política interna. A incerteza que encobre o futuro imediato da Espanha desmente esta previsão.

Por outro lado, a França foi o país que em 1939 recebeu o maior número de exilados após o conflito que levou Franco ao poder. Integrados-se rapidamente, esta massa de imigrantes disseminou pela população narrativas sobre a repressão do regime espanhol que constituíram, nos últimos 30 anos, uma fonte de informação paralela.

REAÇÕES
Quanto aos jornais, apenas o semanário neo-fascista "Minute" demonstra certo pesar pelo fim do reinado franquista. Matutinos relativamente conservadores — como "Le Figaro" ou L'Aurore — refletem o alívio de uma consciência liberal que via na Espanha contemporânea a última nota destoante de uma Europa Ocidental democrática.

Por sua vez, as três emissoras estatais de rádio interrompem com frequência suas programações para transmitir os comentários de seus enviados especiais ou fazer a leitura dos raros boletins médicos publicados pelo Palácio de El Pardo. O noticiário radiofônico emprega termos abertamente hostis ao governante moribundo. E assim que seus familiares são designados como "camarilha" e as dependências oficiais como "bunker" (fortificação na qual o governo do Reich sobreviveu em Berlim seus últimos dias).

Senhor de seu silêncio, ele serviu-se de todos

do ex-chefe de Estado francês, que observou que Franco estava muito velho.

Em outubro daquele mesmo ano, quando o visitou Richard Nixon, os silêncios do general Franco tomaram tal proporção, que o então presidente estadunidense perguntou, estranhando a um de seus colaboradores: "Acredita que sabe que estou efetivamente aqui?".

Em circunstâncias muito diferentes, foi uma surpresa de idêntica índole que tornou coterico a Adolf Hitler, no dia 23 de outubro de 1940. Depois de esperar Franco durante várias horas na plataforma da estação de Hendaya, desistiu de obter os compromissos e promessas que esperava arrancar dele e declarou, na mesma noite, que preferia que ele arrancassem os dentes antes do que entrevistar-se de novo com seu colega espanhol.

Desconfiado, prudente, ladino, o Caudilho manteve sempre aos seus interlocutores espanhóis ou estrangeiros na mais total ignorância de seus sentimentos ou intenções.

Tomou, de uma vez por todas, a decisão de prestar contas apenas a Deus e à História e isso levou-o a não comprometer-se com ninguém e a situar-se a um nível em que outros assumem concretamente as responsabilidades da ação política cotidiana.

Nestas condições, não lhe restou mais do que tirar as conclusões dos fracassos e dos êxitos, para o maior bem do seu regime. Os aproximadamente 150 ministros que Franco usou ao longo de seu reinado, experimentaram isto ou aquilo e não para o pior.

Quando, em dezembro de 1970, em uma atmosfera de crise nacional, reuniu no Palácio de El Pardo ao governo para consultá-lo sobre as condenações à morte decretadas pelo Conselho de Guerra de Burgos, já tinha devidamente seguramente que indultaria os réus. Um detalhe permitiu a maioria adivinhar que a tendência era pró-indulto e que convia, consequentemente, pronunciar-se neste sentido.

China: da cultura milenar aos problemas do regime socialista

PIERRE VIANSSON — PONTE
Le Monde

Ele está em toda parte, imobilizado em seus vigorosos 60 anos, com seu sinal preto escrupulosamente traçado no queixo, o olhar por vezes paternal e profundo, outras vezes maciçamente estatuado, ora no gigantesco, ora pintado ou fotografado em cinco, dez, vinte vezes seu tamanho natural. A sua esquerda, imutavelmente, as barbas de Marx e de Engels. A sua direita, um Lenin ainda vivo e cheio, um Stalin quinquagenário e asseado. Também por toda parte, suas frases sabiamente caligrafadas, estranhas e misteriosas quadros quase surrealistas, querendo significar que o revolucionário também pode ser artista e poeta.

Mao. Só se pronuncia seu nome com uma infinita deferência, um respeito devoto. Em Yenan, visitam-se com respeito suas 4 casas, as 4 células de monge que ele habitou, devoram-se com o olhar suas relíquias: sandálias deformadas, roupas camponesas, camisas duras com sua estera e uma só coberta, a escrivãzinha, a barra de ferro que ele apertava entre suas mãos para desentorpecer os dedos endurecidos pelo pincel, as plantas de soja que ele cultivava para dar o exemplo do trabalho manual. Percorrem-se as salas de reunião, os locais de acontecimentos históricos, uma exposição em sua glória. Um santuário: Lourdes e Meca, mas Deus está vivo. Ele é alfa e ômega, o Grande Timoneiro, o Grande Construtor, a encarnação da sabedoria, da violência e da suavidade, da ordem e do movimento, do socialismo e da revolução em marcha.

A seus pés, 800 milhões — pelo menos — de chineses. Todos aqueles que a gente vê, população em crescimento das cidades, multidões fervilhantes logo reunidas nos campos para ver com intensa curiosidade os estrangeiros, incontáveis crianças que aplaudem vigorosamente nossa passagem, adolescentes atarracados e sólidos, pequenos soldados do exército popular em seus uniformes largos, anciãos tão chineses aos nossos olhos de ocidentais, que parecem sair de uma estampa, moças ágeis e sorridentes, todos com raras exceções têm um aspecto sadio, uma alegria e uma gentileza autênticas.

As roupas são limpas, mesmo que sejam uniformes quase unisex: camiseta branca de mangas curtas e gola de Danton, calças escuras de algodão, sandálias. Ninguém usa gravata, nem a menor fantasia. O relógio-pulseira e a esferográfica são os únicos luxos e, com os aparelhos de rádio e a bicicleta, os únicos bens pessoais. As mulheres não usam jóia, algumas blusas de cores vivas ou floridas, raras saias retas e escuras, soquetes para as jovens guias de museus e exposições. Os vestidos constituem exceção, apesar de o regime encorajar, há pouco tempo, o uso de algumas fantasias de traje — muito tímidas — à moda ocidental. Como se elas hesitassem ainda, mas quisessem habituar seus filhos a essa "retificação", muitas mães que usam calças, vestem suas filhinhas com um vestidinho florido e cuidadosamente franzido.

OS FARDOS

Acima de tudo isso, um porte vivo, ativo e no entanto calmo. Povo esperto, que não passa fome, que anda com passo firme e respira uma espécie de dignidade encontrada na austeridade rigorosa dos costumes. Isso é o que se vê. Viu-se realmente aquilo que se viu? E principalmente que se sabe daquilo que é realmente, daquilo que são e fazem esses transeuntes, esses camponeses, esses jovens e esses velhos, daquilo que eles pensam? A essas perguntas, não há, não pode haver respostas. Os veículos são raros, mesmo nas perspectivas imensas das avenidas de Pequim. Os ônibus passam, sempre lotados, mas eles arranjam miraculosamente para deixar a dois estrangeiros 20 lugares livres, muralha de prudência e anteparo protetor. Os caminhos oscilam, transportam 20, 30, 50 trabalhadores de pé, apertados como sardinhas, às vezes arvorando a bandeira vermelha da equipe de choque. Aos milhares nas estradas e até no centro das cidades, atrelada a dois, três, cinco, os pequenos burros, cuja contribuição para a edificação do socialismo nunca será louvada demais, mulas, vacas, raros cavalos, puxam carretas de todo tamanho, de todos os pesos e de todo conteúdo. Por toda parte, aos grupos, como vãos de andorinhas, as bicicletas altas de grandes rodas sobre as quais os campeões do volante avançam ousadamente com seus carros de cortinas afastadas ou suas 10 toneladas que carregam 20, businham ruidosamente, certos de sua prioridade.

Mas também, em todos os caminhos, esses fardos — por trás dos quais o carregador parece minúsculo e como esmagado, palanques com os lados carregados, fardos de todas as formas, embrulhos presos às costas, aos ombros, à barriga, encimados por um chapéu de palha, redondo e chato, às vezes de forma cônica como nas imagens tradicionais. E claro que há trabalho para toda gente, que todo mundo trabalha e que, apesar das batalhas ganhas e das vitórias celebradas da mecanização, a mão e o braço continuam a ser quase que os únicos utensílios desse povo, insiste-se ainda "na via do desenvolvimento". As vitrinas das lojas, do grande estabelecimento da orgulhosa Changai ao pequeno centro comercial de comuna popular, estão bem equipados e toda gente compra.

UMA NOITE NO TEATRO

No teatro, em Changai, sala cheia, muito animada, o programa de danças e de cantos é todo constituído por extratos de uma ou outra das sete peças — ali chamam-se "operas" — representadas em todos os palcos, incansavelmente difundidos pelo rádio, à razão de várias vezes por semana, representadas pelas equipes teatrais, cantadas pelas crianças, e isso há 8 anos, com exclusão de qualquer outra obra. Naquela noite tínhamos "A canção dos carregadores de madeira", um dueto sobre o tema "E bom que os jovens instruídos vão trabalhar no campo", uma dança do "Farol vermelho", um trecho de música sin-

fônica intitulado "Os trabalhadores da indústria têxtil vão à escola de Tating"; o canto coral "Transportai com camelos cereais para o exército"; fragmentos do "Pequeno cavaleiro do povo" e "Milicianas da estera". E como fecho: a primeira cena de um balé revolucionário, no qual "Irmã vermelha salva o ferido alimentando-o com seu próprio leite", que acarreta a ternura geral. O mais aplaudido será um poderoso tenor que canta "Os compatriotas de Taiuan (Formosa) são nossos irmãos"; em seguida uma canção bisada quatro vezes, cantada em coro por uma centena de japoneses chegados aquela mesma tarde de Toquio, como "delegação de amizade"; enfim, "A luz do presidente Mao iluminou o alto forno". Em outra noite, em Shenyang, uma das equipes de acrobatas mais famosas da China terá uma acrobacia constantemente vibrante, além mesmo das 2 horas (de 18 a 20 horas) que dura ritualmente um espetáculo. Mas quando as crianças, os "pequenos soldados vermelhos" de 6 a 8 anos, na escola primária n.º 3 da rua Chan-Leh de Changai, magníficos de ardor e de saúde, cantam e dançam a política, por exemplo um coro sobre o tema "Pi Lin, Pi Cong" (a luta contra o renegado Lin Piao e o mentiroso Confúcio) a gente pensa que de qualquer maneira é preciso fazê-lo.

Por toda parte, nas cidades, cantieiros de obras em que trabalham, utensílios e cestas nos braços, grupos de homens e de mulheres entregues com ardor ao trabalho. Por toda parte, perfura-se o solo para duplicar sua terra os escritórios, os hospitais, as escolas, as oficinas, a universidade, o correio, às vezes o imóvel, instalações nas quais se poderá continuar a trabalhar, a aprender, a viver. Por toda parte, abrem-se galerias que ligam toda aquela outra China da sombra. Harbin, no nordeste, Sian no noroeste, Changai, mesmo no sul estão em plena atividade. Será porque a gente "se divide em dois", segundo a fórmula de Mao? Não. E porque — dizem-nos — é preciso preparar-se para a guerra, para a agressão, que é inevitável, fatal, talvez próxima, talvez para amanhã, ou para daqui a 10 anos, pouco importa. Nem uma só vez, ouviremos o "Ho-Pin Wan-Tsui" (viva a paz), a propósito de que Alain Peureffitte escrevia que era durante sua visita o slogan em voga. (julho de 1972). Em compensação, nem uma só vez um responsável, um professor, um escolar, um operário ou um camponês esquecerá de repetir que a China está pronta "para aniquilar os revisionistas e os imperialistas se eles ousarem atacá-los"; "que o agressor será exterminado".

No hospital Hua-Chan de Changai, no decorrer de duas intervenções cirúrgicas (um tumor na hipófise extraído de uma jovem de 19 anos, um adenoma tiroideu retirado de uma mulher de 40 anos) praticados sob anestesia por acupuntura, o dr. Tchu Chitsi, cirurgião de uns 60 anos, apresenta a defesa do processo, agora mundialmente conhecido e controvertido. Sem insistir demais: "Isto vai bem com os operários, camponeses e soldados; bastante mal com os intelectuais; muito mal com os médicos". Acrescenta aos argumentos clássicos com vezes desenvolvidos (segurança, simplicidade, cooperação e consciência do doente, etc), este novo e inesperado: afinal, esta é a chave de uma cirurgia de guerra e precisamos estar preparados". Diga-se de passagem; a mulher, com o colo amplamente aberto, a tireoide e seu tumor do tamanho de uma lanterna visíveis e perfeitamente separados, sorri para os estrangeiros cujos rostos pálidos ela entreveia além do teto de vidro da sala. A operação terminada (durou 3 horas durante as quais ela falou várias vezes com os médicos e enfermeiras à medida que seu estado o permitia) ela levanta várias vezes a mão para saudar com um aceno, como uma mimica amistosa sobre seu rosto ainda sangüinolento. Espetáculo alucinante, inexplicável para o profano, assombroso, e a propósito do qual convém não adiantar nenhum juízo.

Mas voltemos às galerias, aos cantieiros de obras e à guerra. Em Pequim, Ho Ying, um dos vice-ministros do Exterior encarregado dos assuntos africanos e, ao que parece, intérprete dos assuntos europeus, diz-nos durante uma conversa que durou quase 2 horas: "Se eclodir uma nova guerra, será mais uma guerra convencional". E mais: "Não há distensão. O segundo mundo — a Europa, o Japão e Canadá, a Austrália — é o objeto da rivalidade encarniçada das duas super-potências. Para ele, assim como para o terceiro mundo, de que fazemos parte, o inimigo mais perigoso atualmente é o social imperialismo soviético. Ele tem três quartas partes de suas forças na Europa, as suas portas. Por isso é que dizemos que o ponto-chave da rivalidade entre as duas hegemonias se encontra na Europa. A guerra é inevitável. E preciso nos prepararmos e permanecer constantemente alerta".

"Abram profundos subterrâneos, acumulem reservas de cereais. A China nunca será uma super-potência", proclamam citando o Grande Construtor, os 100 milhões de altofalantes que ressoam continuamente, desde a ginástica matutina até o apagar das luzes às 10 horas, nas ruas, nas aldeias, nos trens, nos campos e nos arrozais e até o fundo das florestas, no alto das montanhas, nas margens dos rios e nas praias dos mares. Cânticos patrióticos ou revolucionários, conselhos de higiene, informações da propaganda, meditações sobre os temas ideológicos de atualidade ou sobre os textos em estudo, alternam com as recomendações práticas sobre a maneira de se vestir, de lavar os dentes, e de pensar, com os apelos para ganhar as batalhas da produção e os boletins de vitórias, a evocação dos "sofrimentos do passado" e da "felicidade do presente". Enfim, às vezes retumba a voz, a grande voz, que sabe, diz e resolve tudo, a cada hora, para cada um, tal como em si mesmos, seis mil anos de civilização talharam os chineses, e tal como 25 anos de socialismo os transformaram.

C Opera Mundi

Ford irá a Pequim em novembro

WASHINGTON — O secretário de Estado, Henry Kissinger informou ontem que o presidente Gerald Ford viajará para Pequim nos últimos dias de novembro e que durante sua visita de cinco dias à capital chinesa, considerou as relações entre a China e os Estados Unidos como "basicamente boas".

Falando aos jornalistas nos portões da Casa Branca, depois de reunir-se durante mais de uma hora com o presidente Gerald Ford, Kissinger explicou que a data exata da viagem só será anunciada dentro de uma semana, em consequência de alguns problemas técnicos de horários. Depois de desmentir que existem problemas sérios com relação à viagem de Ford, o secretário de Estado respondeu a um jornalista, que perguntou se Ford viajaria dia 28 de novembro: "Mais ou menos por esta data. Num período de três ou quatro dias mais ou menos."

Por isso que ainda não anunciamos a data definitivamente". Kissinger, que voltou anteontem à noite a Washington, declarou que durante o encontro fez um relatório a Ford sobre os assuntos tratados em Pequim.

EGITO

Com relação à visita do presidente do Egito, Anuar Sadat, a Washington, Kissinger respondeu que os Estados Unidos acolherão com bastante simpatia qualquer pedido formulado pelo Egito quanto à ajuda econômica.

Quanto à ajuda militar, porém, Kissinger respondeu que "os Estados Unidos não estão em condições de assumir compromissos específicos no momento, mas estão preparados para manter uma discussão geral".



Revista afirma: Patrícia queria abandonar o ESL

SÃO FRANCISCO — Patrícia Hearst pretendia abandonar o Exército Simbionês de Libertação (ESL) quando foi presa pela polícia, informou ontem a revista "Rolling Stone". Segundo a publicação o FBI encontrou-a por causa de suas discussões com seus companheiros de fuga, William e Emily Harris. Um mediador entre Patrícia e o casal Harris foi seguido pelo FBI até as suas casas em São Francisco onde eles se escondiam, segundo o artigo da revista, que deverá estar nas bancas dentro de 10 dias. "Rolling Stone" disse também que o militante do (ESL) Jack Scott sabia das discussões entre Patrícia e

seus companheiros e estava tentando, juntamente com seus pais, Randolph Hearst, presidente do jornal San Francisco "Examiner", trazer Patrícia de volta para casa. A mãe de Patrícia, Catherine, chegou a informar o FBI sobre as negociações. As divergências entre Patrícia e o ESL surgiram quando sua companheira, Wendy Yoshimura, uma feminista militante, conseguiu convencê-la de que o Exército Simbionês de Libertação era uma "organização chauvinista".

A revista afirma que o fato de Patrícia tentar abandonar o ESL será usado em sua defesa e contra principalmente a acusação de sua participação em dois assaltos à mão armada a bancos na Califórnia, destinados, segundo o artigo, a fortalecer seus laços com o ESL.

Noticiário fornecido pelas agências AFP, ANSA, AP e UPI, nossos correspondentes e enviados especiais.

RENOVE SUA ASSINATURA DA
FOLHA
TELEFONE: 220-0011

A venda nas seguintes lojas EletroRadiobraz:
Centro (São Bento) - Água Branca - Casa Verde - Jaconã - Pinheiros - Tatuapé - Araraquara - Campinas - Guarujá - Guarulhos - Jundiaí - Osasco - Piracicaba - Ribeirão Preto - Santos (José Menino) - Santo André (Ipiranguinha) - São Caetano do Sul - Sorocaba - Taubaté.

VA 116/75-U